

precoces. Melanie Klein oferece uma teoria extensa da sexualidade feminina. Ao deslocar o *Complexo de Édipo* ao primeiro ano de vida conduz ao reconhecimento paradoxal de uma genitalização precoce sob o domínio dos objetos pré-genitais (Klein, 1928/1975). Oferece as bases do que servirá de fundamento à interrogação em torno do problema do feminino para um grupo de mulheres sofisticadas; as mesmas que tiveram um impacto nos desenvolvimentos específicos de Freud sobre os assuntos apresentados em seus artigos de 1931 e 1932.

Nesse sentido, gostaríamos de propor a leitura de três textos fundamentais de Freud, que permitem abordar sucessivas reformulações de sua posição sobre a feminilidade, tal que tenhamos a medida do irrecusável aprofundamento a ser atribuído ao diálogo com o movimento das psicanalistas britânicas no momento em que a sociedade londrina foi “uma sociedade conduzida por mulheres”¹ como disse Edward Glover (citado por Kristeva, 2000, p. 354) em carta a Ernest Jones.

O texto *A organização genital infantil* de Freud (1923/2011), é uma retomada das ideias exploradas nos *Três ensaios* (Freud, 1905/2017c) que lançaram as bases da concepção freudiana da feminilidade. Fundamentalmente, desde os *Três ensaios*, Freud nos mostrou que a sexualidade não tem por finalidade a procriação, a primazia do sexual, nem a espera da puberdade para se manifestar. A hipótese de um só e mesmo aparelho genital é a base das teorias sexuais infantis.

Nas duas primeiras páginas desse curto artigo de 1923, apresentado como *um acréscimo à teoria da sexualidade*, Freud anuncia que a questão da *primazia* é o ponto sobre o qual há algo novo. Enquanto isso em *Três ensaios* (Freud, 1905/2017c) termina dizendo que “a primazia dos genitais” não está estabelecida, talvez apenas ligeiramente. No entanto, agora argumenta que há uma primazia estabelecida, mas que diz respeito a um órgão, único, o do sexo masculino. A ideia de um monismo sexual é estabelecida desde então com firmeza: “Não existe uma primazia genital, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1923/2011, p. 171).

Freud afirma:

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não se pode ainda falar de masculino e feminino, prevalece a oposição *ativo* e *passivo*. No estágio da organização que então se segue há *masculino*, mas não feminino; a oposição é: *genital masculino* ou *castrado*. (p. 175)

Só após completar na puberdade o desenvolvimento sexual – numa instauração que se efetua em dois tempos – a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. Em uma fórmula surpreendentemente breve, conclui: “o masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade” (Freud, 1923/ 2011, p. 175).

Podemos entender assim essa afirmação: o objeto vem aí como herança do primeiro estágio (a primeira distinção sujeito/objeto); a passividade é proveniente da organização sádico-anal. No entanto, descobrimos essa referência à passividade como constituinte

1. “It was a women-ridden society.”

do complexo de Édipo, postulada no seu trabalho de 1928, *Estágios iniciais do conflito edípiano*, e discute longamente um artigo de Karen Horney.

No entanto, um ano depois, em 1932, no texto *Feminilidade*, Freud renuncia à ideia de completa adequação entre os dois pares masculino/feminino e ativo/passivo, em que havia avançado em 1923: depois de recordar as espécies vivas em que o feminino é o mais ativo e as situações na espécie humana onde a mulher é ativa, Freud “desaconselha” a buscar coincidir “ativo” com “masculino” e “passivo” com “feminino”. A questão da passividade beneficia-se de uma abordagem muito mais sutil neste texto: assim “pode ser necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva” (Freud, 1933 [1932]/2017a, p. 268).

Em que medida a oposição entre atividade e passividade tem o lugar de representação da diferença de sexos? Segundo Freud, essa oposição se estabelece durante as fases anal e fálica. Ativo e passivo vêm se corresponder a fálico e castrado. Os fins passivos para o menino passarão a associar-se à angústia de castração. Quanto à menina, sua atividade sexual, de caráter originalmente fálico, persistirá sob a forma de “inveja do pênis”. O feminino persistirá, todavia, como enigma em sua relação com a libido fálica.

Uma sociedade conduzida por mulheres

Como não atribuir essas mudanças consideráveis aos debates abertos pelas psicanalistas do sexo feminino que se travaram entre os anos 20 e 30? Freud, na conferência escrita em 1932 volta a citar explicitamente essas psicanalistas:

Sendo mulher o tema, tomo a liberdade de mencionar o nome de algumas mulheres a quem esta investigação deve contribuições de relevo. A dra. Ruth Mac Brunswick foi a primeira a relatar um caso de neurose que remontava a uma fixação no período pré-edípico, não tendo chegado à situação de Édipo. Tinha a forma de uma paranoia de ciúmes e revelou-se acessível à terapia. A dra. Jeanne Lampl-de Groot [1927] constatou, em observações seguras, a tão inverossímil atividade fálica em relação à mãe, e a dra. Helene Deutsch [1932] mostrou que os atos amorosos das mulheres homossexuais reproduzem as relações mãe-filha. (Freud, 1933 [1932]/2017a, pp. 287-288)

Nesse avanço da teoria da sexualidade feminina, que compreende a ideia de que atividade e passividade não se excluem, a especificidade do feminino – no que se refere à libido dita masculina – fica, entretanto, por ser especificada.

Trinta anos passados, a fecundidade heurística desse debate reverbera – impulsionado pelas analistas que manifestaram oposição às ideias freudianas sobre a sexualidade feminina, isto é, que disseram não de distintas maneiras – à concepção falocêntrica. Em 1958, essa controvérsia é assumida em sua base por Jacques Lacan.

Levando as coisas ao extremo, pode-se dizer mesmo que o ideal viril e o ideal feminino são figurados no psiquismo por outra coisa que não essa oposição atividade- passividade de que falava há pouco. Elas saem propriamente de um termo que não fui eu que introduzi, mas uma psicanalista rotulou a atitude sexual feminina – é a mascarada. (p. 176)

Lacan relança a tese defendida por Joan Rivière em seu texto “Womanliness as a masquerade” (1929), “A feminilidade como máscara”, onde a autora escreve:

O leitor pode se perguntar qual distinção faço entre a feminilidade e a mascarada. De fato, eu não pretendo que uma tal diferença exista. Que a feminilidade seja fundamental ou superficial, é sempre a mesma coisa. (Rivière, 1929/1991, p. 94)

Intelectual ativa no âmbito da vida literária e artística de Londres, frequentadora do grupo de *Bloomsbury*, Joan Rivière é tradutora inglesa de Freud e de Melanie Klein. Em seu ensaio “A feminilidade como mascarada”, fundamenta-se tanto no artigo *O desenvolvimento precoce da sexualidade feminina* de E. Jones (1927/1997), onde o autor afirma a existência de uma bissexualidade inerente a cada indivíduo e de diferentes tipos de desenvolvimento feminino heterossexual e homossexual, assim como no estudo *A nosologia da homossexualidade masculina* de Ferenczi (1914/1981), segundo o qual certos homens homossexuais exageram sua heterossexualidade como defesa contra suas tendências homossexuais. Rivière (1929/1991) apresenta, então, sua tese: “Tentarei mostrar que as mulheres que aspiram a uma certa masculinidade podem vestir a máscara da feminilidade para afastar a angústia e evitar a vingança que temem da parte do homem” (p. 91).

A paciente descrita por Rivière é “um tipo particular de mulher intelectual” e “notavelmente bem-sucedida” numa “carreira que a obrigava essencialmente a escrever e falar”, mas sofria de uma angústia intensa cada vez que devia se manifestar em público.

A mascarada, tal como a toma Lacan (1964/1973) apropriando-se da concepção de Rivière, distingue-se da ostentação que exhibe no nível dos animais o macho e que serve ao acasalamento: “A mascarada tem um outro sentido no domínio humano, é precisamente de funcionar no nível não mais imaginário, mas simbólico” (p. 189).

O destino que conheceu o texto de Rivière na evolução das teorias sobre o desejo, o sexual, e o gênero – depois da reinterpretação de Lacan – corresponde a frutos, os mais diversos. Judith Butler em *Gender trouble* (1990/2007), explora a problemática de ser/ter o pênis que o jogo da mascarada põe em jogo. Faz uma leitura do ensaio de Freud, *Luto e melancolia* (1917 [1915]/2010), a partir da qual quer estabelecer sua tese sobre uma melancolia do gênero, sendo o gênero construído por uma identificação melancólica. Para esta autora, a mascarada faz parte da estratégia de incorporação melancólica².

2. Para uma discussão dessa tese, confrontar: David-Ménard e Butler (2009), em particular: Ribault (2009).

Feminilidade torna-se uma máscara que domina/resolve uma identificação masculina, pois uma identificação masculina produziria, dentro da suposta matriz heterossexual do desejo, um desejo por um objeto feminino, o Falo; sendo assim, a feminilidade como máscara pode revelar uma recusa de uma homossexualidade feminina e, ao mesmo tempo, a incorporação hiperbólica dessa fêmea. (Butler 1990/2007, p. 72)

Mas uma concepção melancólica da mascarada feminina não pressuporia, contudo, minimizar o alcance da subversão operada por Lacan no que diz respeito à significação do falo? O entendimento da mascarada como designio melancólico não seria tributário de uma confusão entre pênis e falo da qual o texto lacaniano justamente se libera?

Admitir com Lacan que “a mascarada tem um outro sentido no domínio humano, [...] de funcionar no nível não mais imaginário, mas simbólico” nos leva a considerar que, para ele, a mascarada apropria-se do significante do desejo do Outro, visando uma realização no plano simbólico numa renúncia do valor imaginário do órgão que, lembremos, para Lacan tem o estatuto de um fetiche³.

Captura pelo visível: Bonaparte versus Joan Rivière

Um testemunho histórico contundente dá exemplo do impasse derivado de uma compreensão anatômica da teoria freudiana do primado do falo.

Tradutora e embaixatriz de Freud, Maria Bonaparte teve um papel indiscutível na história da Psicanálise. Defendeu a análise leiga, lutou contra o nazismo e conseguiu a retirada da família Freud da Áustria ocupada. Sua devoção a Freud, contudo, elevada ao nível da mais radical ortodoxia, levou-a a promover a expulsão de Lacan da sociedade francesa de psicanálise desde que este se apresentou como herdeiro da razão freudiana. Teria a princesa escolhido ignorar a definição revolucionária da mascarada feminina proposta por Rivière uma vez que esta ideia viria abalar as concepções de Freud?

Levada às últimas consequências, a teoria do primado do falo, conduziu Marie Bonaparte a preconizar os benefícios da cirurgia para tratamento da “fixação clitoridiana”, ao conceber a neurose como a permanência no estágio infantil contraposto ao “ideal biológico de adaptação à função erótica feminina, nada menos que a supressão funcional do clitóris, ativo ou mesmo passivo, em benefício da vagina completamente passiva” (Bonaparte, 1935/2012, p. 154).

Quando, mais tarde, reformula os termos utilizados por Freud em seu livro *Da sexualidade feminina* (1931), é levada a postular categorias como: “verdadeiras mulheres”, “mulheres aceitadoras” (a criança substitui o desejo do pênis), “renunciadoras” (as celibatárias) e “reivindicadoras” (Appinagesi e Forrester, 1992).

3. “A mulher [...] encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda por amor é endereçada. Não convém esquecer, sem dúvida, que o órgão que se reveste dessa função significante adquire um valor de fetiche” (Lacan, 1958/1998a, p. 695).

A mais longa das revoluções

Vivendo no mesmo ambiente intelectual e psicanalítico do início do século XX, no qual Joan Rivière propõe a mascarada feminina, a escritora Anaïs Nin, através de seus diários escritos durante toda a vida, insurge-se contra convenções erguidas em torno da feminilidade; faz de si mesma uma obra literária auto-analítica que se inscreve dentro da revolução feminista, *A revolução mais longa*, como analisou Juliet Mitchel (1966).

Em *Henry and June* (Anaïs Nin), escrito em 1931-1932, desenha-se um romance triangular protagonizado pelo também conhecido escritor Henry Miller, lemos:

Penso que, apesar de todos os enormes prazeres que Henry me deu, não senti um verdadeiro orgasmo. Minha reação não parece levar a um verdadeiro clímax, ela é disseminada em um espasmo menos centrado, mais difuso. Tive orgasmo ocasionalmente com o Hugo e ao me masturbar, mas talvez seja porque o Hugo gosta que eu feche as pernas e o Henry me faz abri-las demais. Mas isso, eu não contaria a Allendy. (Anaïs Nin, 1931-1932/2001, p. 130)

Nesse fragmento literário-biográfico o “anjo sexual” de Henry Miller, a pura, terna, mas também impiedosa Anaïs, através de sua escrita dá um testemunho paroxístico do impasse feminino de incarnar, como uma contorcionista, o significativo do desejo do Outro. Instantaneamente, em poucas linhas, revela para nosso deslumbramento, uma fulgurante odisseia envolvendo amante, marido e analista, reconhecemos imediatamente a ação da mascarada.

Anaïs demonstra que:

“É pelo que ela não é que pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada.” (Lacan, 1958/1998a, p. 694) [...] “faz isso pela intervenção de um parecer que substitui o ter, para, de um lado, protegê-lo e, de outro, mascarar sua falta no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação, na comédia.” (Lacan, 1958/1998a, p. 701)

Uma reivindicação de ordem imaginária tal como encampada pela inveja do pênis mostrar-se-ia aqui por demais pesada. Ao substituir *ter* por *parecer*, para protegê-lo e “mascarar a falta fállica no outro” – Henry, Hugo ou Allendy – Anaïs, uma mulher, pretende ser desejada, amada, pelo que ela não é – subverte assim, pela mascarada, a inveja do pênis proclamando a fórmula de Rivière que sugere “veja, não tenho esse falo, sou mulher, pura mulher”.

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significativo do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos, na mascarada. (Lacan, 1958/1998a, p. 701)

É preciso entender que essa asserção de Lacan, ser o falo, isto é, o significativo do desejo do Outro, se inscreve como uma realização no

registro simbólico, dá realidade ao sujeito enquanto irrealiza relações de sustentação (imaginariamente) consolidadas:

Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante, e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas. (Lacan, 1958/1998a, p. 701)

A mulher – Anaís no caso – não é o falo, mas parece sê-lo. Essa semelhança, que é a aposta mesma da feminilidade como mascarada, indica que isso que a máscara feminina esconde, ao incarnar o significante, não é o falo, mas é o fato de que atrás da máscara não há nada.

Tomando como referência a arte barroca, J.-M. Vives (2003) concebe a mascarada como organização inconsciente de um *trompe-l'œil*. No *trompe-l'œil* descobrimos, ao mesmo tempo, a glorificação e a morte do objeto:

“Sob a máscara da opulência barroca e do triunfo da aparência da representação, aparece uma estratégia da desilusão que vem interrogar as relações da representação e do real” [...] “O *trompe-l'œil* feminino revelar-se-á numa revelação humorística do impossível como tal: manifesta no jogo representativo isso que a representação mesma está encarregada de dissimular. A saber, o real da falta.” (Vives, 2003, p. 2)

“A vocação do feminino”: a paixão do significante

J.-M. Vives analisa a ideia da mascarada como *vocação do feminino*, suas considerações iluminam a intrigante observação de Lacan que o levou a situar a mascarada feminina do lado simbólico e a ostentação masculina do lado imaginário.

Distingue inicialmente a mascarada do que poderia ser uma estratégia de ordem perversa situando-a no âmbito da sublimação: “Essa ausência, esse oco em torno do qual se organiza o trabalho da mascarada feminina seria o da ausência do pênis que reenviaria mais primitivamente à ausência do objeto primeiro: a Coisa.” (Vives, 2003, p. 2). O feminino seria uma construção que na sua forma bem-sucedida constituiria uma obra que *presentifica* e *ausentifica* a Coisa, como tende a fazer a obra de arte⁴.

Assim uma mulher seria simultaneamente uma representação, um espetáculo, uma imagem que visa a fascinar, atrair o olhar, e um enigma, o irrepresentável, que visa a destituir o olhar. [...] a mascarada feminina seria uma estratégia barroca o que nos conduziria a situá-la menos do lado do eu, como faz o discurso popular, mas do lado do sujeito. Poderíamos mesmo dizer, paradoxalmente que uma mulher por esse trabalho torna-se o sujeito por excelência. É precisamente na medida em que ela se caracteriza por uma “mascarada”, na medida em que todos os traços que a definem são artificialmente atribuídos à sua conta pelos outros ou por ela mesma – isso faz pouca diferença –, que ela pode, então, revelar-se mais sujeito que o homem. (Vives, 2003, p. 5)

4. “O objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar.” (Lacan, 1957-1958/1973, p. 176).

Lacan (1958/1998a) observa que “O fato da feminilidade encontrar seu refúgio nessa máscara, em virtude do recalque (*Verdrängung*) inerente à marca fálica do desejo, tem a curiosa consequência de fazer com que, no ser humano, a própria ostentação viril pareça feminina” (p. 702).

Entretanto, o que avança Vives, é que a representação de “macho” não é experimentada como uma mascarada, mas como uma patética tentativa de se identificar com um ideal inacessível ao confundir falo e pênis.

Poderíamos dizer que as mulheres, quanto ao falo, elas não acreditam nele totalmente, ou melhor que elas veem através de sua presença fascinante. O homem, com efeito, não consegue escapar da tensão entre o que (lhe parece) que o outro (a mulher ou o meio ambiente social em geral) espera dele (ser um homem, um verdadeiro, um “macho”) e isso que é efetivamente em si mesmo (fraco, pouco seguro de si...). (Vives, 2003, p. 4)

Contrariamente ao homem que tenta corajosamente se alçar à altura de sua imagem, dar a impressão de ser o que diz, o sujeito feminino engana pelo próprio deslumbramento do trompe l'œil proposto e que apresenta como tal. (p. 5)

O fim não é de ser o falo mas parecer sê-lo. (p. 5)

A mascarada corresponde então à paixão do significante, tal como a leitura de *A significação do falo* (Lacan, 1958/1998a), descortina:

Essa paixão do significante, por conseguinte, torna-se uma nova dimensão da condição humana, na medida em que não somente o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma, e em que por isso ressoa nele, para além de tudo o que a psicologia das ideias pôde conceber, a relação da palavra. (p. 695)

Pensar o feminino como uma construção que na sua forma bem-sucedida de mascarada realiza-se como obra de presentificação e ausentificação da Coisa, como tende a fazer a obra de arte, nos leva a situar o movimento contestador das psicanalistas, protagonizado aqui por Joan Rivière, como encarnação psicanalítica do significante que sustentou o gesto inicial de Freud.

Os papéis ativos que as mulheres analistas contemporâneas de Freud assumiram durante esses anos, teórica e praticamente, clínica e institucionalmente, desafiaram a ideia freudiana da passividade feminina.

No artigo *Sobre a sexualidade feminina*, Freud (1931/2017b) designa o jogo infantil como modelo da repetição permitindo a reversão da passividade em atividade, movimento constituinte da busca do novo: “também a brincadeira infantil é posta a serviço desse propósito de complementar uma vivência passiva com uma ação ativa, como que anulando-a dessa maneira” (p. 387).

A atividade de contestação teórica mostra-se mais fiel à descoberta freudiana do que sua defesa dogmática. Contra a passividade idealmente consagrada por Marie Bonaparte na defesa da “verdadeira

feminilidade”, o jogo significativo da mascarada. Ao desistir da distinção entre a feminilidade e a mascarada, a *profundidade da intuição* de Freud sobre a natureza única da libido toma corpo: *a feminilidade seja fundamental ou superficial, ela é sempre a mesma coisa* (Rivière, 1929/1991, p. 94), o que vale é a natureza articulável do sujeito podendo se fazer objeto da pulsão.

Resumo

Freud manteve uma posição firme com relação ao problema da sexualidade feminina. Os desenvolvimentos específicos sobre o assunto foram apresentados em seus artigos de 1931 e 1933, mas seus primeiros trabalhos já suscitavam oposições entre autores fiéis ao uso do método freudiano que chegaram a conclusões diferentes. As descobertas das mulheres analistas britânicas nas décadas de 1920 e 1930 foram audaciosas, desafiando as conclusões freudianas com respeito a primazia do falo na organização psicosexual feminina. Trinta anos passados, a fecundidade heurística desse debate reverbera, impulsionado pelas analistas que manifestaram oposição às ideias freudianas sobre a sexualidade feminina, que disseram não, de distintas maneiras, à concepção falocêntrica. Em 1958, os termos dessa controvérsia em torno da primazia fálica são resgatados por Jacques Lacan que, a partir da definição estabelecida por Joan Rivière do feminino como mascarada, reconhece a especificidade do feminino no que se refere a libido fálica.

Palavras-chave: *Feminino, Falocentrismo. Candidatas a palavras-chave:* *Mascarada, Psicanálise e feminismo, Paixão do significante*

Abstract

Freud maintained a steadfast position regarding the problem of female sexuality. The specific developments on the subject were presented in his articles of 1931 and 1932, but his early works had already elicited oppositions among authors who were faithful to the use of the Freudian method and came to different conclusions. The discoveries made by the female analysts in the 1920s and 1930s were audacious challenging Freudian conclusions regarding the primacy of the phallus in the psychosexual organization for the feminine. Thirty years past, the heuristic fertility of this debate still reverberates, fueled by these female analysts who manifested opposition to Freudian ideas on female sexuality, by saying no in distinct manners to the phallic conception. In 1958, the terms of this controversy around the phallic primacy were radically recovered by Jacques Lacan, who from the definition established by Joan Rivière of womanliness as a masquerade, acknowledged the specificity of the feminine in regards to the phallic libido.

Keywords: *Feminine, Phallocentrism, Alternative keywords:* *Masquerade, Psychoanalysis and feminism, Passion of the signifier.*

Referências

- Appinagesi, L. e Forrester, J. (1992). *Freud's women*. Londres: Basic Books.
- Bonaparte, M. (2012). Passivité, masochisme et féminité. *Revue française de psychanalyse*, 76(1), 147-154.
- Butler, J. (2007). *Gender trouble*. Nova Iorque: Routledge. (Trabalho original publicado em 1990).
- David-Ménard, M. e Butler, J. (2009). *Sexualités, genres et mélancolie: s'entretenir avec Judith Butler*. Paris: Campagne Première.
- Ferenczi, S. (1981). El homoerotismo: nosología de la homosexualidad masculina. Em S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. 2). Madrid: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2017a). A feminilidade. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (2017b). Sobre a sexualidade feminina. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2017c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Horney, K. (1924). On the genesis of the castration complex in women. *International journal of psychoanalysis*, 5, 50-65.
- Jacob, A. (1989). *L'univers philosophique*. Paris: PUF.
- Jones, E. (1997). *Théorie et pratique de la psychanalyse*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1927).
- Klein, M. (1975). *The psycho-analysis of the child: The writings of Melanie Klein* (vol. 2). Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1928).
- Kristeva, J. (2000). *Le génie féminin: Melanie Klein* (vol. 2). Paris: Fayard.
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire, livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire, livre 7: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957-1959-1960).
- Lacan, J. (1998a). A significação do falo. Em J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998b). *Le séminaire, livre 5: Les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Mitchell, J. (1966). *Women: The longest revolution*. Nova Iorque: Pantheon.
- Nin, A. (2001). *Henry and June*. Londres: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1931-1932).
- Ribault, G. (2009). De la mélancolie dans le genre? Freud lu par Judith Butler. Em M. David-Ménard e J. Butler, *Sexualités, genres et mélancolie: S'entretenir avec Judith Butler*. Paris: Campagne Première.
- Rivière, J. (1991). *The inner world and Joan Rivière*. Londres: Roudledge. (Trabalho original publicado em 1929).
- Vives, J.-M. (2003). La vocation du féminin. *Cliniques Méditerranéennes*, 68(2), 193-205.